



Maria Célia Lima-Hernandes
Katia de Abreu Chulata (orgs.)

Língua Portuguesa em foco:
ensino-aprendizagem,
pesquisa e tradução

Língua Portuguesa em foco:
ensino-aprendizagem pesquisa e tradução

Organizadoras

Maria Célia Lima-Hernandes - Katia de Abreu Chulata

ISBN 978-88-8232-773-6

© 2010 Pensa MultiMedia Editore s.r.l.
73100 Lecce – Via Arturo Maria Caprioli, 8
Tel. 0832.230435 - fax 0832.230896
www.pensamultimedia.it
info@pensamultimedia.it

Léxico Português e Brasileiro (In) Paralelismos

Introdução

O léxico desempenha um papel essencial na comunicação de qualquer sujeito falante, tanto na sua função de receptor, como na sua posição de emissor, sendo a última *ratio* a construção do seu conhecimento. Como tal, na era das literacias de comunicação, de informação, digital, receio que seja esquecida a literacia lexical, que sobremaneira potencia, inclusivamente, o sucesso escolar – assunto caro não só à linguística mas também à escola.

Mas afinal de onde vem o léxico português? Será o léxico um conjunto de palavras inabaláveis pelo tempo? Constituirá o léxico português um código uno e homogêneo, passível de permitir comunicação inequívoca entre diferentes países de expressão portuguesa? E como tratar questões que se prendem com o léxico, sem haver articulação entre a linguística e a escola? A nosso ver, parece ser uma tarefa incompleta, na medida em que o Novo Programa de Língua Portuguesa, para o Ensino Básico, e o Currículo Nacional estão elaborados por descritores de desempenho e por competências, respectivamente, em que destacamos o conhecimento lexical.

Este artigo versa, então, sobre léxico português usado em Portugal e no Brasil e pretende, para além de indicar as diferenças de uso registadas, com base nas representações discursivas dos nossos informantes, vincar a necessidade de ensino e a aprendizagem do capital lexical em contexto académico, uma vez que, embora, a língua seja a mesma, ela encontra a sua expressão ancorada em matrizes de cultura léxica.

Assim, num primeiro momento, apresentar-se-á uma reflexão sobre o léxico português, onde serão abordadas questões como a origem e a interferência da História no seu percurso diacrónico. Seguidamente, será questionado o modo como a Língua enriquece o seu léxico, evidenciando alguns processos de renovação/aumento lexical. Posteriormente, daremos a conhecer léxico português nas suas variedades portuguesa e brasileira, comentando, simultaneamente, diferenças e semelhanças entre si. Numa

segunda fase, serão apresentadas propostas para o trabalho do desenvolvimento lexical na escola. Finalmente, tecer-se-ão algumas considerações.

1. O léxico português

Quando nos questionamos sobre a origem do léxico português, somos tentados a pensar que se trata de uma língua constituída, apenas, por palavras portuguesas e que, por essa razão, os falantes nativos a devem conhecer ao pormenor. Mas, com efeito, ao pensarmos na Língua Portuguesa, não podemos dissociar-lhe um conjunto de factores históricos que é inerente ao seu desenvolvimento e que a foi mudando, enriquecendo e, até, limitando¹. No entanto, não se pretende, neste ponto, dissecar a evolução da Língua Portuguesa ou reconstituir fases pretéritas da língua, quer no Brasil, quer em Portugal; isso será tarefa da História da Língua. É nossa intenção, isso sim, recordar que a Língua Portuguesa é o resultado de um conjunto de processos linguísticos que foi decorrendo ao longo de uma tradição secular e que, entre esses processos, encontramos de forma inequívoca situações que culminaram na alteração lexical.

Podemos, então, considerar sete fases na evolução do Português: a) período Pré-Histórico; b) período Proto-Histórico; c) período Arcaico ou Antigo; d) período Médio ou Pré-clássico; e) período Clássico; f) período Moderno e g) período Contemporâneo (Silva e Osório, 2008).

O primeiro – o *Pré-Histórico* - é caracterizado por alterações fonéticas, sofridas nas palavras latinas, cuja explicação radica nas consequências da Segunda Guerra Púnica. Mais tarde, já com os Suevos instalados na Península, chegam os povos germânicos (inícios do século V), que, por razões óbvias, optam por se refugiar, surgindo assim especificidades regionais e simultaneamente conservadoras. Neste período, vivem-se momentos de estabilização linguística, proporcionados pelas escolas de então (cf. Vásquez Cuesta citada por Osório, 2008).

Relativamente ao segundo período, o *Proto-Histórico*, sublinhamos a invasão dos povos árabes, que proporcionam momentos de diglossia, na Península, deixando marcas linguísticas que perduram não só na lírica provençal, como são exemplos as “muáxas” – moçarabismos -, mas também

1 A este propósito veja-se o Projeto-Lei 1676/99 e leiam-se as palavras do deputado brasileiro Aldo Rebelo “O projeto de lei que apresentei na Câmara dos Deputados dispõe sobre a promoção, a proteção, a defesa e o uso da Língua Portuguesa. A proposta recebeu o apoio de simples cidadãos que amam seu idioma e querem defendê-lo da saraivada de estrangeirismos que deformam a língua e truncam a comunicação de um povo.”. A nosso ver esta atitude é limitadora do evoluir linguístico e impossível de concretizar, na medida em que não é possível controlar falantes que usam uma língua que está em funcionamento.

no Português contemporâneo, como são os casos da numeração árabe e de inúmeras palavras com o prefixo *al*², pertencentes a diferentes áreas lexicais: *alferes, almirante, alcova, alfaiate, alcatifa, alfazema, almôndega, alaúde, Alfama, alqueire*, (Silva Neto, 1992) entre muitas outras.

A fusão dos usos linguísticos entre o Norte e o Sul da Península dão origem «...a uma nova unidade linguística: o Português...» (Silva e Osório, 2008: 60), que ocorre no período designado como *Arcaico* ou *Antigo*, delimitando-se a zona do Português padrão entre as cidades de Coimbra e Évora, como atesta Woll (1994).

Se na fase anterior surge o Português, enquanto língua, o período que se segue – *Médio* ou *Pré-Clássico* – revela-se permeável à entrada de palavras novas, que se “mesclam” e articulam com as portuguesas, devido ao contexto expansionista que se inicia entre os séculos XV e XVI. É a partir desta época que se começam a conhecer estudos, ainda que efectuados *a posteriori*, sobre a entrada de estrangeirismos na Língua Portuguesa. Nesta fase, destacam-se, sobretudo, *latinismos* e *castelhanismos*.

Uma das fases de maior “viragem” na evolução da Língua Portuguesa ocorre, a nosso ver, no período do *Português Clássico*. Após a ida da corte portuguesa para o Brasil, devido às invasões napoleónicas, o falar *popular* de Lisboa ganha espaço entre os habitantes de Portugal, levando a camada social mais elevada do país o “bem falar” para o Brasil, sendo, nessa altura, a actualização linguística portuguesa, na sua variedade europeia, bastante idêntica à que actualmente se realiza no Brasil. A alteração verifica-se, em particular, nas mudanças fonéticas, na medida em que os portugueses “perdem” a predominância vocálica, que caracterizava a sua língua, para darem lugar a uma maioria consonântica. Também, durante este período, a influência de *espanholismos* diminui, começando a sentir-se, agora, a presença francesa.

Segundo Silva e Osório (2008:103), é durante o período do *Português Moderno* «...que se começa a distinguir entre o Português Europeu e o Português do Brasil». O mesmo autor refere que ainda que «Este último manteve, até hoje, sobretudo na pronúncia, mas também em grande parte da morfo-sintaxe, as principais características do português clássico, não obstante as inovações que apresenta». Os *galicismos* atingem, então, o seu apogeu. A influência de França sente-se a nível do léxico, do vestuário, da moda, da cultura, da política, da economia, vivendo-se num quotidiano desmedidamente francês.

O último período referenciado – *Português Contemporâneo* – distingue-se pela tentativa de uniformização da ortografia portuguesa, entre Portugal e Brasil. Depois de várias tentativas, em 1986, o Presidente José Sarney solicita a António Houaiss que organize um encontro entre o Brasil e mais cinco países de expressão portuguesa, a fim de se tentar, finalmente, obter a

2 Note-se que os vocábulos apresentados são nomes e iniciam por *al*, que era equivalente ao artigo definido, por vezes alterado ou assimilado – *ar-*; *aç-*.

desejada uniformização ortográfica. Mais uma vez, não se chega a acordo e, em 1990, há nova proposta, aguardando-se, actualmente, directrizes, por parte do Ministério da Educação, para que o *Acordo Ortográfico* seja oficialmente implementado nas escolas portuguesas. Salienta-se, ainda, nesta época, a substituição lexical de origem francesa, a favor da Língua Inglesa. São, sobretudo, razões de ordem política e económica que conduzem à supremacia de anglicanismos, em termos de utilização de léxico estrangeiro, em Portugal e no Brasil.

Interessante é o facto de se procurarem explicações de índole social, ou económica, ou política, ou cultural, ou linguística, quando a nosso ver as alterações lexicais se devem a todos estes factores, no seu conjunto. Também é digno de reflexão verificarmos que os mais conservadores afirmam que nós, portugueses, somos os que actualizam a língua mãe. Mas afinal que Língua Mãe? Aquela que é genuinamente portuguesa? Aquela que é falada em Portugal? Ou será aquela que é falada no Brasil? Por quem? Pela camada da população mais instruída? Qual é a verdadeira Língua Portuguesa? Quais são as palavras que, de facto, não sofreram alterações? E quais são aquelas que não foram importadas de outros sistemas linguísticos? Para (tentar) responder as estas questões, transcrevemos uma fábula, com supressões, que encontramos num livro da linguista brasileira Nelly Carvalho (cf. 1989: 6-9), e que passamos a apresentar:

Língua Portuguesa convocou todas as palavras para uma Assembleia Geral. O motivo foi o veemente apelo que lhe fizeram alguns dos seus súditos mais fiéis que se vangloriavam de conhecê-la por dentro e por fora.

Ela ia passando faceira em seu gingado natural, engordando uns quilinhos aqui, ao ingerir palavrinhas novas, e emagrecendo acolá como sói acontecer às línguas, que, sendo gulosas por natureza, alimentam-se de gregos e troianos. (...)

No momento certo todos tomaram os seus lugares. A tribuna de honra fora reservada para a nobreza. Latinos e gregos ocuparam-na. (...)

Um pouco titubiante, ela começou solicitando que quem não fosse completamente brasileiro se retirasse. Foi um alvoroço. Levantou-se todo o mundo. Só ficaram sentadas uma meia dúzia de palavras que, embora nuas, estavam revestidas de muita brasilidade. (...)

Percebendo sua precipitação, Língua Portuguesa pediu ordem no plenário e reformulou suas palavras, convidando a retirarem-se todas as palavras que não fossem legitimamente vernáculos.

Novamente deu confusão (...). Alguns até alegaram pertencer à terceira geração de aporuguesados e ter compatriotas com muito status, ocupando altos cargos governamentais e políticos e com poder económico incontestável.

Língua Portuguesa pensou: "assim não dá", e resolveu pedir que se apresentassem uma a uma as palavras estrangeiras para contar a sua história.

Piano levantou-se, liderando seus compatriotas, alguns bem famosos como Chau e Pizza, e reivindicou para os italianos o direito à vernaculania.(...)

Língua Portuguesa ficou atordoada. Viu-se diante de uma guerra sonora tão calamitosa que, se não fosse controlada rapidamente, desencadearia uma mudez continental. (...).Esta, embora sob protestos, deu fim à baderna. Pôs os pontos nos is explicando à mui formosa senhora toda a complexidade da sua estrutura. (...). Os súditos mais fiéis ficaram a ver navios e a Língua evoluiu...

2. Da palavra às palavras

Se pensarmos sobre o que é uma palavra, não podemos nem devemos ficar atidos a uma única perspectiva; ou seja, há mais do que uma maneira “de olhar” para uma mesma palavra. Basta considerar:

- i. a *ortografia* – ao considerarmos *económico e econômico*, estamos perante um (mesmo) termo linguístico que nos oferece duas informações: que há duas possibilidades de ortografia e que uma corresponde ao padrão do português europeu (a primeira) e a outra à norma escrita utilizada no Brasil (a segunda), estando ambas, por essa razão, correctas. Apesar de o exemplo facultado representar a ortografia de dois países, a situação de dupla grafia também ocorre num mesmo país, como é exemplo *dossier* e *dossiê*. Estamos perante uma palavra de origem estrangeira (galicismo) que, podemos dizer, se “nacionalizou”, tendo por base critérios de ordem fonética. Se há dicionários que a registam na sua forma de origem, há outros que a “normativizam” na sua forma adaptada;
- ii. a *fonética* – veja-se a este propósito o vocábulo *porco* que, dependendo da sua actualização fonética, nos permite identificar a zona geográfica a que os falantes pertencem, se a zona Centro – [porku]³ –, se a zona Norte de Portugal – [puarku];
- iii. a *semântica* – esta perspectiva evidencia como o mesmo elemento linguístico potencia a sua utilização, em contextos discursivos variados, como são exemplo “O *rodapé* da casa é bonito.” / “As notas de *rodapé* são muito úteis.”, “As águas do *rio* passam velozmente.” / “*Rio* muito, quando vejo um filme cómico.”, “O *rato* era muito grande” / “O *rato* do computador está estragado.” – no Brasil dir-se-ia “O *mouse* do computador está estragado” –, “O menino *engoliu* o gelado de uma só vez” / “A mãe não *engoliu* o que a filha disse.”, em que ocorrem situações de extensão semântica.
- iv. a *sintáctica* – a reorganização de palavras dentro de uma frase permite *mobilidade interna*, provocando, ou uma alteração de sentido, ou um

3 A opção pelo Alfabeto Fonético Internacional radica na sua abertura e simplicidade.

aumento de intensidade, ou uma simples reorganização sem que haja alteração do sentido inicial. Vejam-se os exemplos “Que criança *rica*.” e “Que *rica* criança.”, “A comida é *boa*.” e “A comida é *extremamente boa*.”, finalmente, “*Ontem*, fui ao cinema.” e “Fui ao cinema, *ontem*”.

- v. a *gramática* – Dentro deste ponto incluímos, então: a classe a que as palavras pertencem – A (determinante) *Maria* (nome) *tem* (forma verbal) *uma* (determinante) *boneca* (nome) *linda* (adjectivo) -, os paradigmas flexionais – em grau, *criança/criancinha*; *pardal / pardalito*; em número – *o lápis / os lápis*; *cão / cães* e em género – *gato / gata*; *homem / mulher* -, a acronímia - Laser (Light Amplification by Stimulated Emission of Radiation); SIDA (Síndrome da Imuno-Deficiência Adquirida), os estrangeirismos – *lay out*; *budget* -, os neologismos – *faxear*; *deletar* - ; as abreviações – pneumático, por *pneu*; fotografia, por *foto* -, a derivação – *felizmente*; *destemido*; *apadrinhar*; *emagrecer* -, a conversão – “O rapaz está a *olhar* para lá.” / “O *olhar* do rapaz é doce.” -, a composição – *agricultura*; *couve-flor*.

Como acabamos de ilustrar, as palavras podem ser vistas como lexemas, como unidades ortográficas, fonéticas, semânticas, sintácticas e gramaticais. Por essa razão, as palavras não devem ser encaradas só como objectos ou unidades estanques e somente estruturais, mas também como unidades que se revestem da necessidade de um conjunto de critérios para a sua actualização e aprendizagem, em diferentes línguas.

De facto, o capital lexical afigura-se como um factor de sucesso no desenvolvimento de competências de leitura, de escrita e de oralidade, em qualquer fase da aprendizagem, sendo primordial a sua promoção logo nos primeiros anos de escolaridade. A figura que se segue – Figura 1(cf. Duarte, 2007: 10) – mostra como o léxico envolve um leque de factores de relevo, mobilizando e activando elementos cognitivos de cada indivíduo.

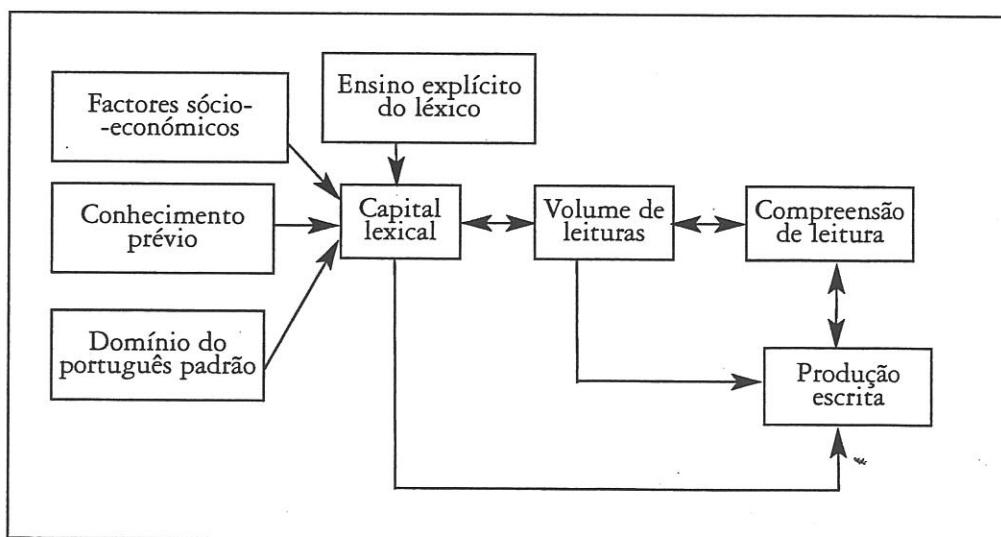


Figura 1 - Modelo conceptual que interrelaciona conhecimento lexical, compreensão de leitura e qualidade da produção escrita

Com efeito, o nível de conhecimento lexical de cada indivíduo está relacionado com factores muito heterogéneos. Se, por um lado, o ensino explícito do vocabulário é um dos principais veículos de transmissão lexical, por outro lado, coexistem outros agentes que contribuem para o aumento do léxico, tais como: causas socio-económicas, os conhecimentos prévios que o indivíduo detém, a forma como ele domina o português padrão, as leituras efectuadas e, sem dúvida, o seu índice de literacia (quanto maior for a sua compreensão da leitura, maior será a probabilidade de enriquecimento do seu vocabulário), que está intimamente relacionada com a qualidade dos textos produzidos.

Por essa razão, e tendo em conta o objectivo a que nos propusemos na introdução deste trabalho, mostramos, de seguida, como a diferença lexical e o uso vocabular podem inviabilizar a comunicação entre falantes da mesma língua (portugueses e brasileiros), neste caso, em contexto escolar.

3. Léxico Brasileiro e Português – Considerações

Apresentamos, então, agora, um conjunto de palavras que foi recolhido numa escola, com base em dificuldades, comunicativas, sentidas por alguns alunos de nacionalidade brasileira, uma vez que desconheciam o termo equivalente na variedade portuguesa. Algumas destas palavras foram retiradas de diversos textos escritos, produzidos por alunos que têm entre 6 e 8 anos, e outras foram registadas com base na audição de diálogos estabelecidos em sala de aula.

Portugal	Brasil	Portugal	Brasil	Portugal	Brasil
registro	registro	aterrar	aterrissar	facto	fato
colã	meia-calça	calção	short	SIDA	AIDS
porta-chaves	chaveiro	malta	galera	giro	legal
gajo	cara	cueca	calcinha	peão	pedestre
travar	frear	sujidade	sujeira	revisor	fiscal
chapéu-de-chuva	sombrinha	rebuçado	bala	quinta	fazenda
baliza	trave	adeptos	torcida	tejadilho	teto
frigorífico	geladeira	lixívia	kiboa	palha-de-aço	bombril

Como se pode observar, os registos linguísticos são de ordem diversificada, ou seja, ora encontramos palavras brasileiras que são completamente diferentes das portuguesas, ora observamos outras cujo significado remete para um conteúdo semântico distinto. Salienta-se, ainda, a utilização de estrangeirismos, quer na variedade portuguesa, quer na brasileira, diferenças de ortografia e vocábulos diferentes para o mesmo significante.

3.1. Ortografia

Assim, vejamos: as palavras *registo/registro*; *aterrar/aterrisar*; *facto/fato* que evidenciam ortografia diferente, remetem-nos, no último exemplo apresentado, para um contexto semântico oposto, como adiante se explica.

No primeiro par de palavras, o traço distintivo recai na ocorrência de *r* em posição de *ataque ramificado* na última sílaba. Interessante é o facto de esta palavra ter o mesmo significado e compreender dupla grafia⁴, em ambos os países, sem que os sujeitos que contribuíram para a constituição do nosso *corpus* tenham disso consciência. No entanto, o *Dicionário de Língua Portuguesa* (2001:2416), de Villar e Houaiss, indica que *registo* é “m. q. REGISTRO”, sendo que, por “estatística de uso”, o segundo termo linguístico é utilizado no Brasil. No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001:3158), encontramos os dois vocábulos “lado a lado” com a indicação “(Bras.)”, inferindo-se, deste modo, que os elementos linguísticos em foco são possibilidades de actualização linguística no Brasil e em Portugal. Acresce, ainda, realçar que no português brasileiro popular *rezistro* é a forma adoptada por falantes pouco escolarizados.

Quanto às palavras *aterrar* e *aterrisar*, apesar de não apresentarem divergência de significado, a sua diferença ortográfica radica na etimologia; que, por decalque de *atterrissage*, do francês, culminou em *atterrissage*, uso Brasileiro, preterindo *aterrar* (*gem*), uso português, cujo significado reporta a “encher com terra”. De qualquer forma, pode afirmar-se que se está perante uma situação de derivação (*Dicionário Terminológico*, 2008). Em Portugal, utiliza-se *aterrar*, seja para tapar alguma coisa com terra, seja para a chegada de um avião ao solo. Note-se, também, que, no Brasil, esta palavra admite duas ortografias⁵: *atterrissage* e *atterrizagem*.

Outro caso de diferença ortográfica para o mesmo referente é *sujidade/sujeira*, na medida em que, em Portugal, *sujidade* refere-se à identificação de um local que está *sujo* e *sujeira*, no Brasil, também. Ambas as palavras reportam à mesma área semântica, tendo, apenas, ortografia diferente; sendo que *sujidade* e *sujeira* derivam de *sujo*.

Diferença de ortografia e significado regista-se em *facto/fato*, pois a ausência de *c* conduz a outra área semântica – a do vestuário. Um *fato*, em Portugal, é a designação que se atribui a um conjunto de calças e casaco, de uso masculino e de uso feminino, “fugindo” a *evidência*, *acontecimento* – *fato*; no Brasil, a denominação para este tipo de vestuário é *terno*.

4 Cf. *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001: 3158) - Verbo e *Dicionário da Língua Portuguesa* (2001:2416) – Objetiva.

5 Cf. *Dicionário de Língua Portuguesa*. (2001). Rio de Janeiro: Objetiva.

3.2. *Léxico Português e Estrangeirismos*

Analiseemos, agora, a ocorrência de palavras estrangeiras

A utilização de estrangeirismos, em substituição de outras palavras portuguesas, ocorre em *colã/meia-calça*. O primeiro registo linguístico – *colã* – usa-se em Portugal, é de origem francesa – *collant* –, foi adaptado e adoptado em 2001, tendo por base um critério de ordem fonética. Este vocábulo, num estado anterior ao da sua atestação, já fazia parte da norma do discurso oral, em Portugal. Contudo, só no início do século XXI é que foi dicionarizado⁶. Estamos em crer que a utilização de *meia-calça* terá sido posta de parte por volta dos séculos XVIII, XIX, devido à vaga de galicismos (cf. Teixeira, Correia e Neves, no prelo) que entraram no país, por razões políticas e culturais. Interessante é o facto de, no Brasil, *colã* ser uma espécie de fato-de-banho – *maiô* com ou sem mangas; uma peça de vestuário feminino.

Se, na situação anterior, o recurso à língua estrangeira é feito por Portugal, em *calção/short*, o uso estrangeiro é feito nos dois países com uma ligeira diferença. No Brasil, *shorts* é uma calça desportiva bastante curta que fica acima do joelho, sendo inadequado designar-se *calção*. No entanto, *calção* não tem a versatilidade desportiva, pode ser actualizado como *short*. Em Portugal, os dois termos podem ser utilizados aleatoriamente, havendo preferência por *calção*.

O mesmo já não acontece com *SIDA* e *AIDS*: ambos os termos ocorrem por acronímia (*Dicionário Terminológico*, 2008), tendo Portugal optado por uma tradução – Síndrome da Imuno-Deficiência Adquirida – e o Brasil por manter o acrónimo original.

3.3. *Semântica*

Se os vocábulos apresentados, anteriormente, apontam para diferenças de ortografia e para a utilização de estrangeirismos, os que se seguem indicam diferenças de significado, uma vez que os alunos que actualizaram estas palavras viram a comunicação ser afectada⁷, em alguns momentos.

Atentemos, então, em *porta-chaves/chaveiro*. Em Portugal, *porta-chaves* nomeia um objecto que serve para colocar as chaves, transportando-as para onde se desejar. Ora, *chaveiro*, a designação para o mesmo referente, no Brasil, significa em Portugal o local onde se guardam as chaves, perdendo, portanto, este objecto “mobilidade”. Note-se, no entanto, que os falantes de ambos os países utilizam *chaveiro* para designar a profissão do indivíduo que faz as chaves.

6 Cf. *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. (2001). Lisboa: Verbo.

7 Quando o Adelimar perguntou ao Tomás se ele costumava trazer *balas* para a escola, o Tomás respondeu que os pais não o deixavam mexer nessas coisas porque eram muito perigosas e que só os polícias é que as podiam usar no trabalho. Claro está que o Adelimar ficou perplexo ao ouvir tal explicação e acrescentou que os pais do Tomás eram muito esquisitos.

Malta/galera é outra situação em que não há correlação de significado. Os falantes brasileiros ao realizarem *galera* referem-se a um conjunto de pessoas e os sujeitos portugueses, para a mesma realidade, utilizam *malta*. A diferença reside no facto de *galera*, para os portugueses, ser o vocábulo utilizado para designar um tipo de embarcação antiga que era movido a remos ou à vela. *Galera*, em Portugal, ainda tem o significado de carroça de grande dimensão para transportes volumosos. A semelhança que poderemos encontrar é que, quer *malta*, quer *galera*, reportam a algo que é *grande*.

O par *giro/legal* apresenta nova diferença de significado, na medida em que a primeira palavra é um termo de registo familiar que pode ter como sinónimo o termo linguístico *bonito* e o seu equivalente brasileiro – *legal* – “transporta” para a variedade europeia um significado que remete para o foro jurídico. Salienta-se que, no Brasil, esta palavra é homónima, ou seja, *legal* tem igual significado nos dois países, apenas no Brasil adquire novo sentido, isto é, “algo que está bem”.

Continuando num registo familiar, analisemos, de seguida, *gajo/cara*. Se na primeira ocorrência, em Portugal, estamos perante um vocábulo que se aproxima da sua etimologia *gajão*, na segunda, no Brasil, apesar de etimologicamente se verificar a não aproximação, mas até igualdade, o mesmo não se observa quando se trata do registo de língua. *Gajo* adquire um sentido pejorativo, ao referir um sujeito, indivíduo, e *cara* abandona essa carga negativa, transformando-a em informal. Consideramos estar perante uma situação análoga à de *registol/registro*, uma vez que ambos os termos linguísticos se actualizam nos dois países, havendo “estatística de emprego”⁸, no Brasil, no elemento *cara*. Na zona do Rio Grande do Sul, *gajo* é regionalismo.

O presente par de palavras, que ocorre por derivação, *peão/pedestre*, apresenta mais um caso em que o uso brasileiro remete para um referente, de Portugal, distinto. Em Portugal, de facto, um *peão* é um indivíduo que se desloca a pé, sendo este vocábulo utilizado, sobretudo, em contexto do léxico rodoviário. O seu equivalente brasileiro, *pedestre*, prende-se com um espaço físico que é destinado à movimentação de um peão e não ao peão, propriamente dito. Note-se que apesar de o termo linguístico *peão* também estar dicionarizado no Brasil⁹, ele não integra os registos dos nossos informantes. O termo *peão*, no Brasil, remete para o trabalhador rural, ou pedreiro, ou ainda para o elemento do sexo masculino que monta cavalos, seja para o trabalho pecuário, seja para o desempenho de uma actividade desportiva.

Estamos, novamente, perante um par de palavras – *rebuçadol/bala* – que se reveste de variedade, em termos de significado. Se um *rebuçado*, no Brasil, se actualiza *bala*, em Portugal este último vocábulo remete para a área bélica, uma vez que *bala* se utiliza para designar o objecto letal utilizado pelas armas

8 Cf. *Dicionário de Língua Portuguesa*. (2001). Rio de Janeiro: Objetiva.

9 Cf. *Dicionário de Língua Portuguesa*. (2001). Rio de Janeiro: Objetiva.

de fogo. Note-se, também, que, no português do Brasil, *rebuçado* funciona como um arcaísmo e refere-se a um tipo específico de doce, feito com açúcar e gengibre, muito comum na região Norte do Brasil, onde a influência portuguesa foi marcante.

Ao atentarmos em *quintalfazenda*, verificamos nova diferença de significado. Uma *quinta*, em Portugal, é um espaço, delimitado, de terra, de grande dimensão, onde existe uma casa que ocupa um espaço significativo e que pode, ou não, ter animais, sejam para consumo próprio, sejam para comercializar. Ora, se tivermos em conta que o termo linguístico usado, no Brasil, para designar esta realidade é *fazenda*, chegamos a nova dificuldade de comunicação, uma vez que, em Portugal, *fazenda*, é o nome que se atribui a um tecido têxtil, com características, geralmente, adequadas ao Inverno. Note-se, no entanto que, apesar de em ambos os países existirem os dois vocábulos para nomear realidades idênticas, em Portugal o termo *fazenda* é usado por falantes mais utilizadores de um registo de língua familiar, sendo que no Norte do Brasil ainda é utilizado por alguns falantes.

Adeptos/torcida formam outro conjunto que também enforma diferença de significado. Se por um lado, em Portugal, os *adeptos* são de uma equipa de desporto – claque - ou de uma religião, no Brasil, apesar de também se poder actualizar o mesmo elemento linguístico, a *torcida* é, de facto, quem apoia o seu clube favorito. Além disso, *torcida*, em Portugal, remete para um objecto que ficou deformado.

Ainda no âmbito desportivo encontramos *baliza/trave*, que “conduz” para o local onde deve entrar uma bola. Todavia, e apesar de o termo *baliza* existir, nos dois países, este é realizado em Portugal, sendo *trave* o preferido pelos sujeitos falantes do Brasil. Sublinha-se, ainda, que *trave*, em Portugal, é um objecto que suporta peso(s) elevado(s), não correspondendo, portanto, a *baliza*. A realidade linguística brasileira compreende *baliza* para identificar duas traves, na vertical, que delimitam um espaço onde se fazem manobras e que denomina um dos exames exigidos para se obter carta de condução.

Os termos *tejadilho* e *teto* merecem-nos, igualmente, uma reflexão. *Tejadilho* é o termo linguístico utilizado, em Portugal, para designar a parte superior dos automóveis, enquanto que no Brasil o seu equivalente é *teto*. Sublinhamos que, no Brasil, existe *tejadilho* para o mesmo referente; contudo, em Portugal não se verifica a mesma situação para *tecto*, sendo este vocábulo utilizado para designar a cobertura de um espaço habitacional – divisões de uma casa: *tecto* do quarto, *tecto* da sala.

3.4. Conotação

Um caso de existência das mesmas palavras, nos dois países, mas com conotação diferente é *travar* e *frear*. Em Portugal, *travar* utiliza-se para os automóveis e para pessoas, enquanto *frear* é para os animais. Cremos que, no

Brasil, o elemento linguístico *frear* se utiliza para automóveis e para animais, sendo, também, as pessoas *travadas*.

O mesmo se verifica com *revisor/fiscal*. A diferença é que os portugueses usam *revisor* para a pessoa que verifica a compra de bilhetes de passageiros e as contas de uma empresa e *fiscal* para uma pessoa que efectua o mesmo tipo de procedimento, mas cujo trabalho de *fiscalização* reverte para as finanças do país. No Brasil, *fiscal* é a designação usada para o *revisor* português. No entanto, *revisor*, no Brasil, é utilizado para quem revisa ou confere trabalhos alheios – textos ou quaisquer outras actividades.

3.5. *Léxico e Diacronia*

Os termos *cuecalcalcinha* e *chapéu-de-chuval*/*sombrinha* co-existem em ambos os países. Todavia, quer *calcinha*, quer *sombrinha*, têm usos diacrónicos distintos, em Portugal. No primeiro caso, a palavra começou a fazer parte do discurso habitual dos falantes portugueses por influência brasileira, pensa-se que no início do século XXI; no segundo caso, o elemento linguístico, crê-se ter sido muito utilizado entre os séculos XVIII e XIX, por contacto com a moda francesa. Saliente-se, contudo, que *sombrinha*, em Portugal, era um termo linguístico utilizado como “guarda-sol”, das senhoras, quando geralmente saíam à rua.

3.6. *Léxico e Marcas Comerciais*

Neste ponto apresentamos algum vocabulário que difere no Brasil e em Portugal, por razões comerciais, ou seja, os termos linguísticos *lixívia*, *palha-de-aço* e *fotocopiadora*, usados em Portugal, encontram os seus correspondentes, no Brasil, em *kiboa*, *bombril*, *xerox*, respectivamente. Os falantes brasileiros adoptaram as marcas comerciais para designar os próprios produtos.

4. Propostas de actividades didácticas para o desenvolvimento lexical

No início deste trabalho questionámo-nos se seria possível tratar de questões do léxico, sem haver articulação entre a linguística e a escola. De facto, como acabou de se observar, o conhecimento lexical é de cabal importância, na medida em que afecta a expressão oral e escrita de cada falante e condiciona a compreensão e interpretação de cada indivíduo, sobre a leitura de um qualquer texto. Não pode, por isso, a nosso ver, existir maior razão do que a

exposta, para que a escola desempenhe um papel activo no seu processo de ensino e aprendizagem.

Assim, apresentam-se actividades que poderão contribuir para o desenvolvimento da consciência lexical, em crianças entre os 6 e os 8 anos de idade.

Actividade 1: Lê o excerto do texto da obra *João e o Feijoeiro Mágico*.

“Ao entrar em casa pela porta das traseiras, João atirou os feijões para cima da mesa muito ufano.

- O que é isso? – perguntou-lhe a mãe.

- Ai, meu Deus – pensou João.

- São feijões mágicos, mãe. Troquei-os pela Daisy. Pelo menos temos algo para comer... ou seja, vamos ter, quando eles derem vagens.

A mãe do João ficou furiosa. Primeiro empalideceu, depois gritou e esperneou. Finalmente, abriu a janela e atirou os feijões para a terra.

Nessa noite, João e a sua mãe foram para a cama muito infelizes e esfomeados. Mas no jardim, “coisas” começaram a acontecer. Os feijões escorregaram pelas gretas da terra, as suas raízes enterram-se

bem fundo e deram origem a pequenos rebentos que se prepararam para a subida. De repente, irromperam pela dura crosta do terreno e,

unidos num emaranhado de açules, cresceram até ao céu.”

Actividade 2: Sublinha, no texto, as palavras que te são desconhecidas.

Actividade 3: Depois de procurares, num dicionário, o significado dessas palavras, substitui-as por outras de sentido equivalente.

Actividade 4: Pensa se já leste as palavras que sublinhaste em outro(s) texto(s). Caso te recordes, escreve o contexto em que elas apareceram.

Se as leste pela primeira vez, agora que já procuraste o significado de cada uma no dicionário, escreve frases diferentes das do texto, utilizando as referidas palavras.

Actividade 5: Atenta na palavra *vagens*. Escreve cinco palavras que sejam da mesma área vocabular.

Actividade 6: Escreve três frases em que a palavra *crosta* adquira sentidos diferentes.

Actividade 7: Escreve palavras que sejam da mesma família de *terra*.

Actividade 8: Escreve o contrário de *entrar*, *ufano*, *perguntar*, *furiosa*, *gritou*, *espernear*, *abrir*, *foram*, *infelizes*, *esfomeados*.

Actividade 9: Completa as frases: No meu quintal, eu plantei _____. Para que cresçam, tenho de _____ todos os _____. Costumo regá-los, quando chego da _____. Logo que estejam bons para _____, a minha mãe faz _____.

Actividade 10: Compara as tuas actividades com as do teu colega do lado, vendo as diferenças e as semelhanças. Escreve as palavras que o teu colega usou e que tu nunca tinhas lido.

5. Considerações finais

De facto, ao “percorreremos” este texto de imediato nos apercebemos que o léxico português, assim como outras línguas, não é um código uno, evidenciando heterogeneidade passível de uma comunicação com equívocos. Também podemos considerar, apesar dos poucos exemplos, que o léxico não é um conjunto de palavras inabaláveis pelo tempo, na medida em que podemos observar que a derivação, a acronímia, os estrangeirismos, a inobservância de termos linguísticos equivalentes, nos dois países, o *marketing* e, simplesmente, o uso, concorrem para a dinâmica da funcionalidade da língua.

Sendo a aula de língua materna o espaço, por excelência, onde as aprendizagens sobre o léxico deverão ocorrer e tendo em atenção que o nosso conjunto de palavras resulta das dificuldades de comunicação sentidas por falantes brasileiros que estudam numa escola portuguesa, afigurou-se necessário propor que haja uma articulação entre o desenvolvimento da consciência linguística, no âmbito lexical, e a escola. Cremos, assim, que a escola pode contribuir para melhorar a compreensão textual, a expressão escrita e a expressão oral.

Salientamos, ainda, que este trabalho, pela sua dimensão, é somente um ponto de partida para uma investigação aprofundada, uma vez que a informação recolhida contribui para um esclarecimento das semelhanças, das aproximações e das diferenças lexicais do Português falado no Brasil e em Portugal e, conseqüentemente, auxiliar o entendimento de questões sociolinguísticas envolvidas em situações de contacto de variedades de uma mesma língua, para o estudo do português, nos dois países.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, N. (1989). *Empréstimos Lingüísticos*. São Paulo: Ática Editora.
- Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. (2001). Lisboa: Verbo.
- Dicionário Terminológico*. (2008). Lisboa: Ministério da Educação - DGIDC.
- DUARTE, I. (2007). *O Conhecimento da Língua: Desenvolver a Consciência Lexical*. Lisboa: Ministério da Educação - DGIDC.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- MATTOS E SILVA, R.V. (1991). “Caminhos de mudanças sintáctico-semânticas no português arcaico”. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 20, pp. 59-74.
- REBELO, A. (2007). “A Globalização da Língua”. In: <http://www.comciencia.br/reportagens/linguagem/ling09.htm>.
- SILVA, J. F.; OSÓRIO, P. (2008). *Introdução à História da Língua Portuguesa - dos factores externos à dinâmica do sistema linguístico*. Chamusca: Edições Cosmos.
- SINGLETON, D. (2000). *Language and the lexicon. An introduction*. London: Arnold
- TEIXEIRA, M. (2008). *A Entrada de Estrangeirismos na Língua Portuguesa*. Chamusca: Edições Cosmos.
- TEIXEIRA, M.; CORREIA, R.; NEVES, E. (no prelo). “Leitura, Escrita e Gramática à Luz dos Normativos Legais” - Universidade de Évora - II SIMELP.
- WALKER, R. (2002). *João e o Feijoeiro Mágico*. (Adap.). Trad.: Pessoa, M. & Bragança, L. Lisboa: Livros Horizonte, Lda.